

## **O que não desaparece: a memória.**

com Joana Barros (LASInTec-Unifesp), Jonnefer Barbosa (PUC-SP), Gabriella De Biaggi (LASInTec/USP) e Zilda Maria de Paula (Associação 13 de Agosto)

*Lançamento do livro “Memória obstinada: a luta das mães de Osasco e Barueri”, organizado por Acácio Augusto, Joana Barros e Gabriella De Biaggi. Editora Igra Kniga*

**Dia 07 de abril de 2026,  
terça-feira, às 19:30hs,  
no Anfiteatro do Campus Osasco**

– Eppen-Unifesp Rua General Newton Estilac Leal, 932 – Térreo – Osasco  
– São Paulo

Em sua carta aberta ao poeta estadunidense John Ashbery, no livro *Algaravias* (1996), Waly Salomão crava em seu primeiro verso que “a memória é uma ilha de edição”. Frase dita por um qualquer passante, ela escancara como a função representativa da linguagem jamais dá ou dará conta do vivido. No entanto, do terrível ao saboroso, é a memória que fica. Pois “a vida não é uma tela e jamais adquire/o significado estrito/que se deseja imprimir nela”. O livro e a conversa que propomos é, a um só tempo, a exposição que fazemos das memórias do vivido e do sabido em torno da trágica execução de mais de 20 pessoas na fronteira entre os municípios Osasco e Barueri, na grande São Paulo, e a reedição obstinada do que muitos querem apagar, esquecer, fazer desaparecer.

Nesta exposição-conversa, não buscamos uma estória *em que cada minúcia encerra uma moral*, pois não há moral possível diante da obstinada lembrança de mães que perderam seus filhos de forma tão violenta. Elas sabem, como ninguém, que a vida “é recheada de locais de desova, presuntos,/liquidações, queimas de arquivos,/divisões de capturas,/apagamentos de trechos, sumiços de originais,/grupos de extermínios e fotogramas estourados”. Sendo assim, o “que importa se as cinzas restam frias/ou se ainda ardem quentes/se não é selecionada urna alguma adequada,/seja grega seja bárbara,/para depositá-las?”

O livro, a conversa, os encontros, os atos, as comidas quentes nas contemporâneas *casas de zungus*, como a de Zilda, não buscam a justiça, a redenção, a reparação ou uma política pública, se trata de transmutar, de transformar, o veneno e a ferrugem em pedaço de paraíso, ainda que irrompa um deus para resgatar o fardo humano. Este não é o fado destas mães, ele é de todos nós, pois é memória, essa matéria-prima que fica, que

permanece; que não se quer se livrar, pois, com ela, se faz, refaz, edita e se reedita a vida, como um fado que se carrega sem drama, construindo a memória entre os que ficam, até golpe final que encontrará cada pessoa.

Não há juízo, eles sabem que nós sabemos e esse é o fardo deles, o fado da vida de quem sobrevive derramando o sangue dos outros e que, por mais que construam valas comuns e cemitérios clandestinos, haverá quem obstinadamente constrói *uma* memória. Memória de luta, resistências, permanências... As políticas de segurança e suas polícias que tudo querem cuidar e controlar não penetram nas formas próprias da lembrança e da memória, ainda que sumam com o corpo, elas seguem reativada por nós, “como quem aperta um botão da mesa/de uma ilha de edição.”

Em torno disso, convidamos para o relançamento do livro e uma conversa com Joana Barros, que há muito lida com a persistência oral dessas memórias de luta; Jonnefer Barbosa, que tem se dedicado em expor as tecnologias do desaparecimento em nosso continente latino-americano, como forma específica de produzir esquecimento, medo e servidão; Gabriella De Biaggi, geógrafa que pesquisa as formas securitárias estatais e privadas na cidade de São Paulo; Zilda Maria de Paula, que há mais de 10 anos mantém, obstinadamente, a memória desse trágico acontecimento no fundão da região metropolitana de São Paulo e que diz tanto sobre do que é feito isso que chamamos de Brasil.

A memória que resiste é a matéria-prima, o material bruto, que constrói a recusa em ser governado pelo políticas do desaparecimento e pelas tecnologias de policiamento da vida.

**Realização e Organização:**

Laboratório de Análise em Segurança Internacional e Tecnologias de Monitoramento (LASInTec)  
Departamento de Relações Internacionais e Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais:  
Estudos do Sul Global da EPPEN-UNIFESP Campus Osasco

**Apoio:**

CAEC e Direção Acadêmica Campus Osasco e Proec